

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E HUMANIDADES
CURSO DE TEOLOGIA

ADELMAR LOPES FERNANDES

**MARIA COMO SINGULAR E PARADIGMÁTICA
COOPERADORA NA REDENÇÃO**

Goiânia

2020

ADELMAR LOPES FERNANDES

**MARIA COMO SINGULAR E PARADIGMÁTICA
COOPERADORA NA REDENÇÃO**

Monografia apresentada ao Curso de graduação em Teologia da Escola de Formação de Professores e Humanidades da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Teologia, sob a orientação do Prof. Pe. Me. Silvio R. Zurawski, segundo semestre de 2020.

Goiânia

2020

(FOLHA DE AVALIAÇÃO)

Dedico esta pesquisa, que foi produzida com muito esforço pessoal e vencendo as barreiras e obstáculos, mas regada de muita oração e sob a proteção da Virgem Maria e da santa intercessão de minha mãe, da qual desde criança me ensinou a amar Maria, a todos meus familiares sem os quais não teria obtido bons exemplos e esmerada educação, aos meus mestres e todos amigos e amigas que me fazem crescer como pessoa no caminho do bem e da fé.

AGRADECIMENTOS

A Deus Uno e Trino e nossa Mãe Santíssima, da Igreja e das Vocações, que como mãe e discípula nos ajuda nesta peregrinação terrena a seguir cada vez mais o seu filho Jesus. Aos meus familiares em especial minha mãe, meu pai, irmã, cunhado e sobrinhos que são aqui na terra reflexo da Sagrada Família de Nazaré e que estão sempre intercedendo a Deus pela minha vocação. A Dom Eugênio Rixen, bispo emérito da Diocese de Goiás que me acolheu com muito carinho nesta minha amada Diocese de Goiás, a Dom Jeová Elias nosso Bispo Diocesano, ao clero e seminaristas da nossa Diocese. Ao Seminário Escola do Evangelho no qual tive a oportunidade de ingressar, estudar e refletir sobre a vocação e vida sacerdotal, aqui agradeço o reitor Pe. Mauro Francisco dos Santos, que conduziu minha formação. As Paróquias de Itapuranga, Uruana e Mossâmedes nas quais fiz meus trabalhos pastorais e onde o povo de Deus fizeram parte da minha formação. A todos os meus amigos, que sempre me apoiaram e incentivaram nesta jornada de estudos acadêmicos e na minha vocação. A PUC Goiás e Instituto Santa Cruz que contribuíram com meu crescimento acadêmico, generosamente ao Coordenador do Curso de Teologia, Pe. David Pereira de Jesus, que sempre se dedicou sem medir esforços, para auxiliar a todos os alunos. Aos meus professores e cada um dos colaboradores dessas instituições de ensino. Ao meu orientador Prof. Pe. Me. Silvio R. Zurawski, obrigado pela paciência e cuidado, em orientar e corrigir minhas necessidades acadêmicas, com o senhor aprendi muito e levarei cada exemplo por toda vida. Aos meus amigos de sala com quem tive uma convivência muito fraterna. E a todos que de forma direta ou indireta contribuíram para eu chegar e dar mais um passo para realização do chamado de Deus em minha vida e o sonho de ser Presbítero para a Igreja e para o povo.

Prenunciada no Antigo Testamento, ela é apresentada, dentro do Novo Testamento, como aquela que aceitou ser cooperadora do projeto divino de salvação, e como a perene associada de todo o trajeto de Jesus Cristo. Por isso, é venerada como a Mãe dos cristãos, na ordem da graça, experimentando a Igreja sua intercessão fraterna.
(LG., 55-62).

RESUMO

FERNANDES, Ademar Lopes. Maria como Singular e Paradigmática Cooperadora na Redenção. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Teologia). Pontifícia Universidade Católica de Goiás, PUG-GO, Goiânia, 2020.

Esse trabalho tem o propósito de apresentar a atuação de Maria como Singular e paradigmática cooperadora na Redenção, a partir de muitos textos bíblicos, desde a prefiguração de Maria nas mulheres no Antigo Testamento, no decurso dos séculos e na reflexão da Igreja, mostrando o caminho percorrido por ela, que recebe o nome de Mãe de Deus, Mãe da Igreja e intercessora. Ainda, tendo como referência a Igreja nascente no Calvário, do alto da Cruz Jesus a entrega como Mãe do discípulo amado, e, através dele, da Igreja (Jo 19,26). Destacamos ainda os méritos da Virgem Maria na vida do povo de Deus e da Igreja, a partir da sua maternidade Divina, gerando Jesus, do qual provém toda Salvação. Assim, é de Maria que nasce o Salvador.

Palavras chave: Jesus, Maria, salvação, modelo, povo.

ABSTRACT

FERNANDES, Ademar Lopes. Unique and paradigmatic Mary cooperators in the Redemption. Course Conclusion Paper (Bachelor of Theology). Pontifical Catholic University of Goiás, PUG-GO, Goiânia, 2020.

This work has the purpose of presenting the performance of Mary as Singular and cooperative paradigm in the Redemption, from many biblical texts, since the prefiguration of Mary in women in the Old Testament, over the centuries and in the reflection of the Church, showing the way traveled by her, who receives the name of Mother of God, Mother of the Church and intercessor. Still, having as reference the church rising on Calvary, from the top of the Cross Jesus gives her over as mother of the beloved disciple, and, through him, of the Church (Jn 19,26). We also highlight the merits of the Virgin Mary in the life of the people of God and the Church, starting from her Divine motherhood, generating Jesus, from where all Salvation comes. Thus, it is from Mary that the Savior is born.

Keywords: Jesus, Mary, salvation, role, people.

SIGLAS

At	= Livro dos Atos do Apóstolos
AT	= Antigo Testamento
CEC	= <i>Catechismus Ecclesiae Catholicae</i> , Catecismo da Igreja Católica
Cl	= Carta de São Paulo aos Colossenses
CNBB	= Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
DAp	= Documento de Aparecida
DV	= <i>Dei Verbum</i>
Gl	= Carta aos Gálatas
Jo	= Evangelho Segundo João
Lc	= Evangelho Segundo Lucas
LG	= <i>Lumen gentium</i>
MC	= <i>Marialis cultus</i> , exortação apostólica
Mt	= Evangelho Segundo Mateus
Rm	= Carta aos Romanos
1Sm	= Livro de Primeiro Samuel
Tg	= Carta a Tiago

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 A COOPERAÇÃO SINGULAR DE MARIA NAS SAGRADAS ESCRITURAS	13
1.1 REFLEXÕES SOBRE O CONCEITO DE COOPERAÇÃO/COLABORAÇÃO E A SINGULAR COOPERAÇÃO DE MARIA	14
1.2 MARIA DE NAZARÉ JUNTO DO FILHO NAS NARRATIVAS EVANGÉLICAS .	17
2. A COOPERAÇÃO DE MARIA NA TRADIÇÃO DA IGREJA	21
2.1 A MISSÃO DE MARIA, MÃE DE DEUS, NA VISÃO PATRÍSTICA E OS DOGMAS MARIANOS.....	21
2.2 MARIA: PARADIGMA DA IGREJA NO CONCÍLIO VATICANO II.....	25
2.3 A COOPERAÇÃO DE MARIA NA REDENÇÃO E NA EXORTAÇÃO APOSTÓLICA MARIALIS CULTUS	27
3. MARIA MODELO DE COLABORAÇÃO COM A OBRA DE JESUS CRISTO	31
3.1. A EXEMPLARIDADE DE MARIA PARA A IGREJA.....	33
3.2. MARIA NOS ENSINA A SERVIR	37
3.3. MARIA E A COLABORAÇÃO NA CONSTRUÇÃO DO REINO	39
CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
REFERÊNCIAS	43

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa se dedicou a perscrutar textos bíblicos, assim como alguns documentos da Igreja e obras, com o propósito de examinar passagens que fundamentam a perspectiva, aqui assumida, de apresentar a Maria como Singular e Paradigmática Cooperadora da Redenção. Maria antes mesmo de ser referenciada diretamente no Novo Testamento, foi anunciada ainda no Antigo Testamento, tendo sido então revelada e, posteriormente, venerada pelos cristãos. Esse trabalho foi inspirado nos estudos de Teologia Bíblica, Patrística, História da salvação e nas disciplinas Bíblicas em geral.

Ao aprofundarmos as profecias messiânicas, percebe-se que ainda no Antigo Testamento está presente o mistério da salvação e a concepção que permeia esse trabalho é de que o Antigo Testamento anuncia e conduz a Cristo, e até mesmo o anúncio de Maria, antes mesmo dela se presentificar na trajetória salvífica, sendo prefigurada nas mulheres no Antigo Testamento e na voz de Deus anunciada pelos Profetas.

No Novo Testamento e nos documentos da Igreja, podemos ver que a Virgem Maria recebeu uma missão sublime, e muito significativa, de ser além de Mãe do Salvador, ser também Mãe dos discípulos e de todos os povos. Aos pés da Cruz Jesus disse, “Eis aí a tua Mãe (Jo 19,26), substituindo Eva que foi a primeira Mãe de todos os povos. Maria é vista também nos documentos da Igreja como protótipo da Igreja (LG, 63), Igreja que nasce do alto da Cruz e é confirmada em Pentecostes Maria se faz presente em ambos acontecimentos. Assim Maria colaborou com sua vida e missão, com seu “*Fiat*” no projeto de Salvação, tornando-se modelo para todos os cristãos.

O Concílio Vaticano II afirma, dentro da visão de Maria a nova Eva e que ela foi preparada para dar à Luz ao Filho de Deus, sendo preparada por Deus, solícita colaboradora na esperança e salvação de um povo

O método de procedimento será o histórico, com recurso à pesquisa exploratória e bibliográfica, integrada ao método teológico (*auditus fidei*, *intellectus fidei* e *applicatio fidei*). Deste modo, a pesquisa parte do levantamento dos dados da revelação, na Sagrada Escritura e na Tradição da Igreja. Procura-se articular estes dados em uma estrutura racional, conforme a sistematização clássica da teologia, lançando mão da reflexão teológica e magisterial da Igreja (*intellectus fidei*). Por fim, procura-se encontrar caminhos de aplicação na vida cristã dos conteúdos elaborados (*applicatio fidei*).

Ao aprofundarmos as profecias messiânicas, percebe-se que ainda no Antigo Testamento está presente o mistério da salvação e a concepção que permeia esse trabalho é de

que o Antigo Testamento anuncia e conduz a Cristo, e até mesmo o anúncio de Maria, antes mesmo de ela se presentificar na trajetória salvífica, sendo prefigurada nas mulheres no Antigo Testamento e na voz de Deus anunciada pelos Profetas.

Compreendendo assim a atuação de Maria como Singular e Paradigmática Cooperadora da Redenção, desde a sua prefiguração nas mulheres da Bíblia e no decurso dos séculos na reflexão da Igreja sobre a cooperação de Maria na obra da redenção e sua associação ao sacrifício redentor de Cristo e mostrar a figura de Maria, que a faz ser um modelo a ser seguido pela Igreja e os cristãos.

No primeiro capítulo então, trataremos da singular cooperação de Maria na Bíblia, que Prefigurada no Antigo Testamento e revelada no Novo Testamento de forma pontual nas narrativas evangélicas e o conceito de cooperação/colaboração com citações de alguns trechos bíblicos e documentos da Igreja.

Já no segundo trataremos da visão de Maria na Patrística e ligando com os Dogmas Marianos, pois dos grandes debates teológicos, que estão presentes nos escritos patrísticos e na literatura cristã, nasce na Igreja uma série de verdades de fé conhecidas como dogmas. Veremos Maria paradigma da Igreja no Vaticano II, e o que diz sobre a cooperação de Maria na redenção na Exortação Apostólica *Marialis Cultus*.

E, por fim, no terceiro capítulo, será feita uma retomada dos dois primeiros capítulos para tratarmos à luz destes a figura de Maria como modelo para Igreja, com sua vida e virtudes e a missão de servir a Deus e aos irmãos, como discípula e missionária.

1 A COOPERAÇÃO SINGULAR DE MARIA NAS SAGRADAS ESCRITURAS

“Maria é o ponto de encontro da profecia e da sabedoria que descem do alto. Em Maria todos os caminhos se encontram “ (Hans Urs Von Balthasar).

É possível assinalar que existem muitos exemplos da prefiguração de Maria nas mulheres do Antigo Testamento, além de outras evidências bíblicas como profecias e personagens que fundamentam os ensinamentos católicos sobre Maria.

Maria é prefigurada, no Antigo Testamento, na tradição e figura de mulheres geradoras do povo. Maria Clara L. Bingemer no livro “Maria Mãe de Deus e Mãe dos Pobres”, mostra que no Livro do Gênesis, Adão chama sua mulher de Eva, que quer dizer “mãe dos viventes”, assim a figura da mulher aqui apresentada não é individual, mas expressão do rosto do povo. Carlos Ignacio González, na obra “Maria Evangelizada e Evangelizadora”, mostra que dentro de um princípio Cristológico há uma subdivisão, onde temos o sentido tipológico, princípio que ilumina parte da missão de Maria, Maria é apresentada como a segunda Eva, comparação também feita com frequência pelos Santos Padres.

Ela pode ser antevista na realidade das mulheres bíblicas: Miriam, Ana, Rute e etc. Pode ser reconhecida na coragem de Ester e Judite, que se destacaram com participação ativa na formação do povo escolhido, figuras de mulheres – figuras de um povo.

Maria de Nazaré é a mulher que serve e que acolhe a convocação para o serviço. Todas as matriarcas que antecedem a Maria de Nazaré, dentro do seu contexto servem ao Plano da salvação e o fazem a seu modo e dentro das limitações impostas pelos processos históricos de seu tempo e no respeito da caminhada de seu povo.¹

O cântico de Maria (Lc 1,46-55) ressoa de citações ou de evocações vétero-testamentárias, especialmente em relação ao Cântico de Ana, pronunciado por ocasião do nascimento do filho Samuel (1Sm 2,1-10) e este é o pano de fundo do Magnificat. Frente ao Senhor, potente e misericordioso, Maria manifesta o sentimento de sua pequenez: “Minha alma proclama a grandeza do Senhor; alegre meu espírito em Deus, meu salvador, porque olhou para a humilhação de sua escrava” (Lc 1,46-48). Provavelmente, o termo grego *tapeinosis* foi tirado do Cântico de Ana, a mãe de Samuel. Com ele indicam a “humilhação” e a “miséria” de uma mulher estéril (1Sm,11).

¹ BOFF, Lina. Como tudo começou com Maria de Nazaré. Rio de Janeiro/Aparecida: Editora Letra Capital e Academia Marial, 2016, p. 58.

Assim, vemos que essas mulheres são chamadas à contribuir no plano de salvação como mediadoras, mas é sobretudo na imagem de serva que é destacada em cada mulher, e, que em Maria também podemos ver claramente a disposição de servir, quando na anunciação na resposta ao Anjo ela diz: “Eu sou a serva do Senhor!” (Lc 1,38) As mulheres do Antigo Testamento esperavam o Messias e Salvador, Maria como a “serva do Senhor”, e por isso, a salvação vai acontecer pela sua adesão ao Mistério de Deus.

Dessa forma, propomos, junto com o Vaticano II, conforme a Constituição Dogmática *Dei Verbum* sobre a Revelação, no número 16, em que afirma a continuidade entre ambos os Testamentos e a formação do Novo a partir da pregação da Igreja Primitiva².

1.1 REFLEXÕES SOBRE O CONCEITO DE COOPERAÇÃO/COLABORAÇÃO E A SINGULAR COOPERAÇÃO DE MARIA

O apóstolo Paulo, quando afirma: “Somos cooperadores de Deus” (1 Cor. 3, 9), nos fala da possibilidade do ser humano cooperar com Deus. Quando se aplica a Maria o termo “cooperadora” tem um significado específico. A colaboração dos cristãos se dá depois da morte e ressurreição de Jesus Cristo, já a de Maria ocorre antes e durante a vida de Jesus de Nazaré, a título de mãe de Jesus Cristo.

[...] aplicado a Maria, o termo “cooperadora” assume, porém, um significado específico. A colaboração dos cristãos na salvação atua-se depois do evento do Calvário, cujos frutos eles se empenham em difundir mediante a oração e o sacrifício. O concurso de Maria, ao contrário, atuou-se durante o evento mesmo e a título de mãe; estende-se, portanto, à totalidade da obra salvífica de Cristo. Somente Ele esteve associado deste modo à oferta redentora, que mereceu a salvação de todos os homens. Em união com Cristo e submetida a Ele, colaborou para obter a graça da salvação à humanidade inteira.³

A particular cooperação desempenhada por Maria está fundamentada na sua maternidade divina. Dando à luz Aquele que estava destinado a realizar a redenção do homem,

² Foi por isso que Deus, inspirador e autor dos livros dos dois Testamentos, dispôs tão sabiamente as coisas, que o Novo Testamento está latente no Antigo, e o Antigo está patente no Novo. Pois, apesar de Cristo ter alicerçado à nova Aliança no seu sangue (cfr. Lc. 22,20; 1 Cor. 11,25), os livros do Antigo Testamento, ao serem integralmente assumidos na pregação evangélica adquirem e manifestam a sua plena significação no Novo Testamento (cfr. Mt. 5,17; Lc. 24,27; Rom. 16, 25-26; 2 Cor. 3, 14-16), que por sua vez iluminam e explicam (DV,16)

³ JOÃO PAULO II. *Audiência Geral – 9 de abril de 1997*. Disponível em: http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/audiences/1997/documents/hf_jp-ii_aud_09041997.html. Acesso em 18 nov 2020.

nutrindo-O, apresentando-O no templo, sofrendo com Ele que morria na Cruz, “cooperou de modo singular na obra do Salvador” (LG, 61).

A maternidade divina de Maria, um dom totalmente gratuito, se fez serva do Senhor e reconhece que a dignidade a ela concedida vem de seu Criador e Redentor. Embora o chamado de Deus a colaborar na obra da salvação se refira a cada ser humano, a participação da Mãe do Salvador na redenção da humanidade, que representa um fato único e irrepetível.

O mistério de Cristo está inserido num desígnio divino de participação humana. Ele veio até nós por meio da geração humana. Quis ter Mãe; quis encarnar-se, mediante a participação vital de uma Mulher, da Mulher bendita entre todas, por meio da Virgem Maria.⁴

Deus quis começar e acabar suas maiores obras pela Bem-Aventurada Virgem Maria, e Ele sendo Deus, não muda nos seus sentimentos e sua conduta. O Espírito Santo quis servir-se dela, embora não tivesse necessidade absoluta.

A MÃE DO REDENTOR tem um lugar bem preciso no plano da salvação, porque, «ao chegar a plenitude dos tempos, Deus enviou o seu Filho, nascido duma mulher, nascido sob a Lei, a fim de resgatar os que estavam sujeitos à Lei e para que nós recebêssemos a adoção de filhos. E porque vós sois filhos, Deus enviou aos nossos corações o Espírito do seu Filho, que clama: “Abbá! Pai!” (Gál 4, 4-6).⁵

Para vir a ser Mãe do Salvador, Maria foi adornada por Deus com dons dignos de uma tão grande missão. O anjo Gabriel, no momento da Anunciação, saúda-a como cheia de graça. Efetivamente, para poder dar o assentimento livre da sua fé ao anúncio da sua vocação, era necessário que Ela fosse totalmente movida pela graça de Deus. Entre tantas mulheres, Deus escolheu Maria, na sua humildade, para ser a mãe do Senhor. “Na plenitude dos tempos, Deus enviou o seu Filho, nascido de uma mulher... para que recebêssemos a adoção filial” (Gl 4,4s).

Na Anunciação, de fato, Maria entregou-se a Deus completamente, manifestando “a obediência da fé” Àquele que lhe falava, mediante o seu mensageiro, prestando-lhe o “obséquo pleno da inteligência e da vontade”. Ela respondeu, pois, com todo o seu «eu» humano e feminino. Nesta resposta de fé estava contida uma cooperação perfeita com a «prévia e concomitante ajuda da graça divina» e uma disponibilidade perfeita à ação do Espírito Santo, o qual «aperfeiçoa continuamente a fé mediante os seus dons» (RM, 13).

Deus quis de maneira simples engrandecer a jovem e humilde virgem Maria, dando a ela a graça e a responsabilidade de ser a mãe do Salvador. O nome de Maria é cheia de Graça,

⁴ Homilia do Papa Paulo VI, Cagliari, 24 de Abril de 1970).

⁵ JOÃO PAULO II. *Carta Encíclica Redemptoris Mater*. Disponível em: http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_25031987_redemptoris-mater.html. Acesso em: 18 nov 2020.

“*kekarítomenê*”. Ela é toda cheia de graça, pois é toda cheia do Espírito Santo. “Ave, cheia de graça, o Senhor é contigo” (Lc 1,28). Sim, doravante todas as gerações me proclamarão bem-aventurada” (Lc 1,48b).

Quando lemos que o mensageiro diz a Maria «cheia de graça», o contexto evangélico, no qual confluem revelações e promessas antigas, permite-nos entender que aqui se trata de uma «bênção» singular entre todas as «bênções espirituais em Cristo». No mistério de Cristo, Maria está presente já «antes da criação do mundo», como aquela a quem o Pai «escolheu» para Mãe do seu Filho na Encarnação — e, conjuntamente ao Pai, escolheu-a também o Filho, confiando-a eternamente ao Espírito de santidade. Maria está unida a Cristo, de um modo absolutamente especial e excepcional; e é amada neste «Filho muito amado» desde toda a eternidade, neste Filho consubstancial ao Pai, no qual se concentra toda «a magnificência da graça». Ao mesmo tempo, porém, ela é e permanece perfeitamente aberta para este «dom do Alto» (Tg 1, 17) Como ensina o Concílio, Maria «é a primeira entre os humildes e os pobres do Senhor, que confiadamente esperam e recebem d’Ele a salvação» (RM, 8).

Maria é especialmente contemplada pelo Espírito Santo. Torna-se mãe do Salvador devido à ação criadora Dele. “O Espírito Santo descera sobre ti, e o poder do Altíssimo te cobrirá com a sua sombra. Por isso, aquele que vai nascer será chamado santo, Filho de Deus” (Lc 1,35). O Espírito age em Maria não somente na encarnação do Filho de Deus, mas também lhe dando a abertura para acolher o mistério divino, fazer-se serva e peregrinar como discípula do Senhor e mãe da comunidade.

Podemos ler no Catecismo da Igreja Católica que: “Maria é o modelo de Mãe que concebe o corpo e também cuida para que o filho alcance a plenitude da vida espiritual. O gênero humano possui duas naturezas: a corporal e a espiritual. (CEC n. 2337) O Papa João Paulo II, em uma de suas catequeses, também afirma: “O corpo, de fato, e só ele, é capaz de tornar visível o que é invisível. Foi criado para transferir para a realidade visível do mundo o mistério oculto desde a eternidade em Deus, e assim ser sinal d’Ele.”⁶

“Com a anunciação, Maria abre o caminho da acolhida ao Senhor. Por seu sim, pela primeira vez, Jesus é acolhido por um ser humano, acolhido com amor total. Ela abre caminho à humanidade para acolher o próprio Deus”.⁷

Maria permanece, assim, diante de Deus e também diante de toda a humanidade, como o sinal imutável e inviolável da eleição por parte do mesmo Deus, de que fala a Carta paulina: «em Cristo nos elegeram antes da criação do mundo ... e nos destinou para sermos seus filhos adotivos» (Ef 1, 4. 5). Esta eleição é mais forte do que toda a experiência do mal e do pecado, do que toda aquela «inimizade» pela qual está marcada toda a história do homem. Nesta história, Maria permanece um sinal de segura esperança (RM, 11).

⁶ JOÃO PAULO II. *Catequese Teologia do Corpo*. Disponível em: <http://teologiadocorpo.com.br/019a-com-o-sacramento-do-corpo-o-homem-sente-se-sujeito-de-santidade-20021980/> Acesso em 18 nov 2020.

⁷ BIGOTTO, G. M. *Esplendor de Mãe*. São Paulo: Paulinas, 2011, p.57.

Assim, tendo Maria cooperando para a redenção com tanto amor pelos homens e tanto zelo pela glória divina, podemos esperar dela o intermédio de sua intercessão. Maria é chamada cooperadora de nossa justificação.

1.2 MARIA DE NAZARÉ JUNTO DO FILHO NAS NARRATIVAS EVANGÉLICAS

Mateus começa seu Evangelho apresentando à comunidade a origem biológica de Jesus. Nessa abertura de seu Evangelho descreve a genealogia de Jesus Cristo para dizer qual a descendência humana de Jesus e porque quis nascer de uma mulher, Maria de Nazaré. Na narração da genealogia, há um destaque dado a Mãe de Jesus, “Jacó gerou José o esposo de Maria, da qual nasceu Jesus chamado Cristo” (Mt 1,1ss16). A presença de quatro mulheres do Antigo Testamento na genealogia (Tamar, Raab, Rute e Betsabéia), mostra que essas mulheres foram veículos do designo de Deus, apesar de cada qual ter sua situação particular, até mesmo a presença do pecado na vida dessas mulheres, inclui assim a salvação dos pecadores na salvação universal, oferecida no Filho de Maria, as maravilhas que podem ser operadas pelo Altíssimo na Virgem Maria. Em Maria são enaltecidas todas as mães, “No coração de Maria, que bate por Jesus, batem os corações de todas as mães”.⁸

No texto de Mateus, a maternidade de Maria é virginal (Mt 1,22ss), e sublinha o cumprimento da espera messiânica em Jesus que salvará o teu povo. A Virgem concebeu por obra do Espírito Santo, Deus faz algo novo em Maria, o Emanuel, Deus conosco. Jesus verdadeiramente nasceu de uma virgem. Em Mateus a maternidade de Maria proclama a humanidade de Jesus e a virgindade professa a divindade de Jesus. – “O Cerne da Mariologia de Mateus é Maria é a Mãe virginal do Messias Salvador”.⁹

Maria é a mãe de um rei. Mateus relata a visita dos magos, que visitam Jesus, “Vimos aparecer sua estrela e viemos adora-lo” (Mt 2,3). Assim Maria é o trono do rei. “É ela agora a sede ou trono do novo Rei. Ela é o novo templo, onde Deus habita e onde é adorado.”¹⁰

Os magos ao entrarem no lugar do nascimento de Jesus, viram o Menino com Maria sua mãe, Maria a rainha-mãe. “Ela, sustentando o filho real em seus braços, faz o papel de Rainha-mãe, de Regente.”¹¹

⁸ BIGOTTO, G.M. Maria: a mãe de Jesus. São Paulo: Editora Paulinas, 2013, p. 1.

⁹ BOFF, Clodovis. Introdução à Mariologia. 6.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. p. 40.

¹⁰ BOFF, 2009, p.44.

¹¹ BOFF, 2009, p.45.

No Evangelho da Infância em Mateus, Maria é companheira inseparável do Filho. “Maria participa da carreira humana e salvífica do Messias numa “extraordinária proximidade”.¹² Mateus, mostra Maria como aquela que faz a vontade Deus e é a mãe Daquela que veio redimir o seu povo.

O Evangelho de Marcos fala pouco de Maria e se distingue dos demais evangelistas pelo fato de a pergunta dos nazarenos não ser: “Não é este o filho do carpinteiro/José?” (Mt 13,55/Lc 4,22) e sim: “Não é este o carpinteiro, filho de Maria?” (Mc 6,3). Marcos assim pode estar expressando o distanciamento de uma paternidade física e apresenta Maria semelhante a todas mulheres do seu tempo, citada assim nesse versículos sem muitos adjetivos. “Não podemos pensar que para Nossa Senhora tudo tenha sido fácil de acreditar porque sabia ser a mãe do Salvador”¹³

Maria segundo Marcos vai realizando e contemplando seu seguimento a Jesus, como, mãe e discípula, pois a verdadeira família de Jesus será, de agora em diante, a dos seus seguidores, ou seja, os discípulos e discípulas que fazem a vontade do Pai.

Quem mais que Maria fez a vontade de Deus? No Documento de Aparecida, “Maria é a grande discípula e missionária, continuadora da missão de seu Filho e formadora de missionários” (DAp, 236; 320). É um modelo do “seguimento de Cristo” e uma “escola de fé destinada a nos conduzir e a nos fortalecer no caminho que conduz ao Criador do céu e da terra” (DAp, 270).

Para o evangelista Lucas, o discípulo de Jesus é aquele (a) que ouve seu apelo, segue e aprende com Ele no caminho (Lc 5,10s; 13,22). Ser aprendiz de Jesus significa também fazer parte de sua comunidade, peregrinar na fé e participar da causa de Jesus, que é o Reino de Deus. Lucas também apresenta traços de Maria como discípula, só que ele vai além e mostra Maria como a imagem viva do discípulo de Jesus. “Por isso também Maria é bem, aventurada, porque ouviu a palavra de Deus e a guardou..”¹⁴

Lina Boff no livro “Como tudo começou com Maria de Nazaré”, apresenta Lucas como o evangelista mais rico e cheio de beleza que fala de Maria. A figura de Maria de Nazaré como mãe do Salvador e de colaboradora na História da salvação.

Lucas dá palavra a Maria “Como é que vai ser isso se eu não conheço homem algum? (Lc 1,34). Maria é mulher que toma iniciativa diante da proposta que lhe foi feita. Maria também se abre ao diálogo e com o *Fiat* dá início a plenitude do mistério da encarnação: “Eu sou a serva

¹² BOFF, Clodovis. Introdução à Mariologia. 6.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009, p.45.

¹³ BOFF, 2009, p.41.

¹⁴ CNBB, 1998, p.92.

do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra!” (Lc 1,38). Maria demonstra a sua confiança em Deus e no seu projeto, é serva humilde e se abre a ação da Palavra, colocando-se diante da vontade de Deus. Fica claro tudo isso quando Maria o expressa no cântico do Magnificat , o maior texto bíblico colocado na boca de Maria.(Lc 1, 46-55).

Maria não é chamada a ser simplesmente a Mãe física de Jesus, mas Mãe do herdeiro da promessa davídica: “Ele será grande, será chamado Filho do Altíssimo” (Lc 1,32). Maria dá à luz ao seu filho primogênito e os pastores encontram Maria e Jose e o Menino. (Lc 2,1-14)

Em Lucas 2,22-35, na apresentação de Jesus no Templo, conforme a Lei do Senhor, Maria fica admirada com as coisas que dele se diziam e Simeão tem uma profecia a Maria “Uma espada traspassará tua alma”. A vida de Jesus e a de sua Mãe estão marcadas pelo sinal da Cruz.

O Evangelista João destaca na narrativa das Bodas de Caná, Maria como mediadora da fé. Ela não distrai e age previdente para que não falte nada e assim intervém junto ao Filho, assume aquele problema, se antecipa na misericórdia e abandona-se incondicionalmente à vontade do Filho. João não nomeia Maria, mas diz sempre a Mãe de Jesus, uma figura simbólico-teológica.

Em João 19,25-28, no episódio de Maria aos pés da Cruz tem uma importância central e culminante. Maria está lá, esmagada pela dor, mas de pé, ela não desfalece. Está pronta a carregar com o Filho todo o peso do sofrimento que lhe fora reservado. Ela compreende e compartilha o sofrimento do Filho. Se tivéssemos olhos espirituais com certeza ao olhar para Jesus crucificado veríamos que junto Dele estava Maria. Contemplamos aí dois martírios, o primeiro e mais contundente o de Jesus, e o segundo um martírio diferente, mas também contundente, Maria sendo martirizada na alma.¹⁵

Clodovis Boff, no livro “Introdução à Mariologia”, apresenta que há três níveis de sentido mais profundos da Mãe de Jesus junto à Cruz: é a *Mater dolorosa* como tantas mães “das dores”, *Mater gloriosa* participando na e pela dor, da “hora” da Exaltação gloriosa do filhona Cruz e *Mater viventium* é a mãe da nova humanidade.

“No ponto mais alto do dramma salutis, na “hora” suprema da glória, Cristo faz a apresentação solene da verdadeira identidade de Maria e a revela como Mãe espiritual dos Discípulos.”¹⁶ Na entrega da Mãe aos Discípulo, figura a Comunidade dos Discípulos, “...a

¹⁵ CATERINA, Mario Antonio. *Com Maria aos pés da cruz*. Disponível em: <https://comshalom.org/com-maria-aos-pes-da-cruz-2/> Acesso em 18 nov 2020.

¹⁶ BOFF, Clodovis. *Introdução à Mariologia*. 6.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009, p.84.

entrega da Mãe é o ato terminal de Jesus, pelo qual Ele leva plenamente a cabo a obra das Redenção..”¹⁷

Poderemos ver também no decorrer da leitura que não é pelos méritos de Maria, mas pelos méritos de Cristo, como mostra o capítulo seguinte que todos os dogmas marianos são méritos de Cristo, fazendo de Maria, nossa medianeira do todas as graças.

É seguindo a proposta de ver Maria na Sagrada Escritura neste capítulo, Maria na Tradição e Maria na Igreja e na vida do povo nos capítulos seguintes, assim veremos que uma parte complementa a outra.

¹⁷ BOFF, Clodovis. Introdução à Mariologia. 6.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009, p. 87.

2 A COOPERAÇÃO DE MARIA NA TRADIÇÃO DA IGREJA

A “Tradição” é um tesouro e com ela confirma a fé da Igreja, ou melhor, a Tradição é a fé da Igreja, onde muitos deram a vida para defender a fé e hoje colhemos os frutos desta doação. Assim, a Tradição fala abundantemente de Nossa Senhora; razão pela qual a Igreja lhe presta um culto especial (hiperdulia). Os santos Padres e Doutores confirmam a nossa fé.

Carta aos Hebreus (1,1-2), diz que Deus, “depois de ter falado muitas vezes e de muitos modos pelos profetas, falou-nos, nestes nossos dias, que são os últimos, por meio de Seu Filho”. Isso mostra que a Revelação Divina foi progressiva. Esse “progresso” pode ser percebido também com referência à figura de Maria no plano da salvação que vai sendo reconhecido com o passar dos tempos.

O papel preponderante da Santíssima Virgem na vida da Igreja é o de Mãe e como Mãe é inseparável, como São João Paulo II nos fala em sua locução no *Angelus* do dia 12 de fevereiro de 1984: “a Bem-aventurada Virgem é íntima, quer a Cristo quer à Igreja, e inseparável de um e de outra”.¹⁸ A Igreja aprende a imitar Maria no seu caminho cotidiano. E, assim, unida com a Mãe, conforma-se cada vez mais com seu Esposo.

2.1 A MISSÃO DE MARIA, MÃE DE DEUS, NA VISÃO PATRÍSTICA E OS DOGMAS MARIANOS.

A doutrina da Co-Redenção de Maria exalta a cooperação prestada pela Virgem no mistério da salvação da humanidade executado por seu Filho. Isso aconteceu porque Maria, através do seu “Sim” aceitou submeter-se integralmente ao plano divino, tornando possível a redenção da humanidade através de seu Filho. Com este “faça-se” ela também assumia o risco de submeter-se a um intenso sofrimento espiritual para que a salvação nos fosse concedida conforme profecia de Simeão “E uma espada transpassará a tua alma” (Lc 2,35).

A dimensão do mistério na vida de Maria também permeia toda a Patrística. Percebe-se essa realidade nos primeiros escritos da literatura cristã antiga, tanto dos Padres Apostólicos como dos Apologistas no século II.

¹⁸ JOÃO PAULO II. *Angelus* – 12 de fevereiro de 1984. Disponível em http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/angelus/1984/documents/hf_jp-ii_ang_19840212.html. Acesso em 18 nov 2020.

Foi mais fácil para os Santos Padres ver Maria ao lado de Cristo na obra da salvação (a participação ativa de Maria) do que chegar às conclusões sobre os efeitos da obra de seu Filho nela. Os testemunhos teológicos sobre a santidade pessoal de Maria encontra-se esporadicamente durante os dois primeiros séculos da Patrística.¹⁹

A missão que Maria, desempenhou junto à humanidade, recebeu doutrina considerável na época dos Padres da Igreja. Esses autores trouxeram presentes os dados bíblicos e consideraram Maria à luz do Verbo Encarnado. E os elementos encontrados na Patrística, mesmo com algumas controvérsias que surgiram, iluminam a doutrina mariana eclesial mais tarde, por este motivo este capítulo traz o tema: A missão de Maria, Mãe de Deus, na visão Patrística e os Dogmas Marianos.

Vários padres da Igreja já se referiam a Maria como *Mater Dei* (Mãe de Deus). O dogma que trata da Virgindade Perpétua de Maria, nos diz que Maria é virgem antes, durante e depois do parto. Ele foi definido como dogma no ano de 1555, no Concílio de Trento, mas já fazia parte da doutrina do cristianismo primitivo, conforme os escritos de São Justino Mártir e Orígenes.

No Ocidente, Santo Irineu de Lião, ao comentar como o próprio Deus encarnou-se no seio da Virgem, ele fala da pureza de Maria, escreveu: Ele que é Puro (purus) sai puramente do seio puro, que regenera os homens em Deus e que Ele mesmo fez puro (*quam Ipse puram fecit*).²⁰ No Ocidente, Santo Ambrósio dentre outros, no século IV, afirmava, pelo menos de modo indireto, a Assunção corpórea de Maria.

Assim, desde início do cristianismo, as comunidades dos fiéis tinham a preocupação de situar Maria, a Mãe do Salvador, no plano salvífico de Deus. Assim, ao longo do tempo, a partir de grandes debates teológicos, que estão presentes nos escritos patrísticos e na literatura cristã, nasce na Igreja uma série de verdades de fé conhecidas como dogmas que podemos citar como os quatro marianos, e instituídos pela Igreja Católica que se referem a Maternidade Divina, Mãe de Deus (Theotókos), Maria Virgem Virgindade Perpétua, são antigos e estão estreitamente ligados entre si e inseparáveis da fé em Jesus Cristo a sua formulação histórico-dogmática. Já o dogma da Imaculada Conceição e Assunção de Maria estão baseados na dignidade e no significado de Maria Virgem, e Mãe de Deus e são mais recentes.

São quatro os dados revelados sobre a participação de Maria no mistério salvífico de seu Filho, que a Igreja ensinou no exercício de sua missão magisterial, como sendo fundamentos intergridade de nossa fé. Costumam ser chamados de “dogmas

¹⁹ GONZÁLEZ, C.I. *Maria evangelizada e evangelizadora*. Tradução: José A. Ceschin. São Paulo: Edições Loyola, 1988, p. 194.

²⁰ Cf. IRINEU DE LIÃO, *Patrística – Contra as Heresias*. v.4. São Paulo: Paulus, 1995, p. 33.

marianos”, apesar de se tratar, na realidade, de verdades cristológicas consideradas sob o aspecto da participação de Maria no mistério de Cristo. Desse quatro enunciados teológicos, dois se aproximam mais do ser de Cristo e os outros dois estão mais próximos de sua função salvífica porquanto Maria atuou como protótipo e figura da Igreja.²¹

Em 431, o Concílio de Éfeso definiu explicitamente a Maternidade Divina de Nossa Senhora. A verdadeira intenção do Concílio de Éfeso era, a de afirmar a unidade da pessoa de Cristo. Reconhecer Maria como Mãe de Deus (“Theotokos”) significa, na verdade, professar que Cristo, Filho da Virgem Santíssima segundo a geração humana, é Filho de Deus. A maternidade divina de Nossa Senhora é peça-mestra da teologia marial.

O Catecismo da Igreja Católica nos apresenta a maternidade de Maria como símbolo da Maternidade da Igreja. E a Igreja é chamada na sua fé e doação a gerar novos filhos de Deus pela pregação e pelos sacramentos, assim diz:

“Maria é ao mesmo tempo Virgem e Mãe por ser a figura e a mais perfeita realização da Igreja. “A Igreja [...] torna-se também ela Mãe por meio da palavra de Deus que ela recebe na fé, pois pela pregação e pelo Batismo ela gera para a vida nova e imortal os filhos concebidos do Espírito Santo e nascidos de Deus. Ela ao seu Esposo” (CEC, n. 507)

Conferindo as Sagradas Escrituras e os escritos dos Santos Padres, o Concílio de Latrão preconizou como verdade a Virgindade Perpétua de Maria, no ano 649. Referindo-se a Virgindade Perpetua de Maria que é o sinal da entrega total de Maria, desde o momento em que aceitou sua vocação para ser mãe não apenas de Jesus, mas sim de Jesus Cristo (homem e messias) cabeça da Igreja e dos homens redimidos. Na introdução do capítulo VIII da Constituição Dogmática *Lumen Gentium* se diz que: “efetivamente a Virgem Maria, que na anunciação do Anjo recebeu o Verbo de Deus no seu coração e no seu corpo e deu a vida ao mundo, é reconhecida e venerada como verdadeira Mãe de Deus Redentor.” (LG, 55). O dogma não afirma simplesmente que Maria era Virgem, mas, sendo virgem, tornou-se Mãe de Deus, como afirma a Igreja no Catecismo:

O aprofundamento de sua fé na maternidade virginal levou a Igreja a confessar a virgindade real e perpetua de Maria, mesmo no parto do Filho de Deus feito homem. Com efeito, o nascimento de Cristo “não lhe diminuiu, mas sagrou a integridade virginal” de sua mãe. A Liturgia da Igreja celebra Maria como a “Aeiparthenos” sempre virgem. (CEC, n. 499)

²¹ GONZÁLEZ, C.I. *Maria evangelizada e evangelizadora*. Tradução: José A. Ceschin. São Paulo: Edições Loyola, 1988, p.224.

Na Constituição Dogmática *Lumem Gentium*, a descrição que podemos ver do papel assumido por Maria em relação à Igreja que é inseparável da sua união com Cristo e decorre dela diretamente. Em face dessa centralidade, as reflexões da Igreja atestam que;

O papel de Maria em relação aos homens de modo algum ofusca ou diminui esta única mediação de Cristo; manifesta ainda sua eficácia. Evidencia que: “todo o influxo Salvadora Virgem Santíssima sobre os homens se deve ao beneplácito divino e não a qualquer necessidade; deriva da abundância dos méritos de Cristo”, complementa ainda que “funda-se na Sua mediação e dela depende inteiramente, haurindo aí toda a sua eficácia; de modo nenhum impede a união imediata dos fieis com Cristo, antes a favorece.” (LG, 60).

Na teologia de Irineu, Maria, como segunda Eva tem uma função determinada dentro do plano de Deus para a redenção do homem. A cooperação da primeira Eva trouxe a morte espiritual do homem, a cooperação de Maria com Deus repercutiu na obra da redenção e no retorno do homem à vida. Sua cooperação implica uma atividade de ordem moral: deu ao anjo Gabriel e a Deus seu livre consentimento determinante para a soteriologia.

Santo Agostinho também escreve:

Só Maria, entre todas as mulheres, é mãe e virgem, não só de acordo com o espírito, mas também de acordo com a carne. De acordo com o espírito, ela não é mãe de nossa Cabeça, o Salvador Jesus, de quem ela nasceu espiritualmente(...), mas ela é mãe de seus membros, o que somos. Pois ela cooperou por sua caridade no nascimento na Igreja dos fiéis - os membros da Cabeça. De acordo com a carne, ela é a própria Mãe da Cabeça.²²

Em 1854 o Papa Pio IX proclamou solenemente o dogma da Imaculada Conceição de Maria com a Bula “*Ineffabilis Deus*”. Declara dogma de fé a doutrina que ensina ter sido a Mãe de Deus concebida sem mancha por um especial privilégio divino.

O Senhor antecipou para Maria, a escolhida entre todas, a graça da Redenção que seu Filho conquistaria com Sua Paixão e Morte. A Imaculada Conceição de Nossa Senhora foi o primeiro fruto que Jesus conquistou com Sua morte. E Maria foi concebida no seio de sua mãe, Santa Ana, sem o pecado original.

Os Padres da tradição oriental chamam a Mãe de Deus “a toda santa” e celebram-na como “imune de toda a mancha de pecado, visto que o próprio Espírito Santo a modelou e dela fez uma nova criatura”. Pela graça de Deus, Maria manteve-se pura de todo o pecado pessoal ao longo de toda a vida (CEC, n. 493).

²² AGOSTINHO, Santo, Bispo de Hipona. *A virgindade consagrada*. São Paulo: Edições Paulinas, 1990. (Série espiritualidade).

Maria “foi preservada, por singular graça e privilégio de Deus onipotente, em vista dos méritos de Jesus Cristo, Salvador do gênero humano, imune de toda mancha de pecado original”. Tal verdade de fé é contida nas palavras de saudação do Arcanjo Gabriel: “Salve Maria, cheia de graça, o Senhor está contigo” (Lc 1,28).

Papa Bento XVI no Angelus de 8 de dezembro de 2011 proferiu as seguintes palavras:

A expressão 'cheia de graça' indica a obra maravilhosa de amor de Deus, que quis nos devolver a vida e a liberdade, perdidas com o pecado, por meio de seu Filho Unigênito encarnado, morto e ressuscitado. Por isso, desde o século II, no Oriente e no Ocidente, a Igreja invoca e celebra a Virgem que, com o seu “sim”, aproximou o Céu da terra.²³

O Dogma da Assunção da Virgem Santíssima foi proclamado solenemente pelo Papa Pio XII no dia 1º de novembro de 1950 e sua festa se celebra no dia 15 de agosto. A Assunção ressalta o sentido que já estava presente na ressurreição de Cristo, ou seja, a continuidade dessa vida além da morte. E é isso que representa Maria, elevada à glória celeste, é para os fiéis fonte riquíssima de consolo e esperança.

O significado profundo da Solenidade da Assunção Nossa Senhora está contido nas palavras finais do dogma, promulgado por Pio XII: “A Imaculada sempre Virgem Maria, Mãe de Deus, ao terminar o curso da sua vida terrena, foi assunta de alma e corpo à Glória Celeste”²⁴

Esse privilégio de Maria, só pode ser entendido como participação plena na graça redentora de Jesus Cristo, da qual esta especialmente cheia em virtude de sua vocação à maternidade divina e a colaborar com a obra messiânica, e com um dom que lhe foi concedido em favor da igreja, da qual é figura escatológica.²⁵

O Catecismo da Igreja Católica ensina: “A Assunção da Santíssima Virgem é uma singular participação na ressurreição do seu Filho e uma antecipação da ressurreição dos outros cristãos”(CEC n. 966).

2.2 MARIA PARADIGMA DA IGREJA NO CONCÍLIO VATICANO II

²³BENTO XVI. *Angelus – 08 de dezembro de 2011*. Disponível em: http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/angelus/2011/documents/hf_ben-xvi_ang_20111208.html. Acesso em: 18 nov 2020.

²⁴PIO XII. *Constituição Apostólica Munificentissimus Deus*. Disponível em: http://www.vatican.va/content/pius-xii/pt/apost_constitutions/documents/hf_p-xii_apc_19501101_munificentissimus-deus.html. Acesso em: 18 nov 2020. 44

²⁵GONZÁLEZ, C.I. *Maria evangelizada e evangelizadora*. Tradução: José A. Ceschin. São Paulo: Edições Loyola, 1988, p. 262.

Neste tópico apresenta-se um aprofundamento teológico no capítulo oitavo da Constituição Dogmática *Lumen Gentium* considerado o principal e mais relevante texto do Concílio Ecumênico Vaticano II sobre Maria, embora o Concílio mencionou a figura de Maria em outros textos, constituições, decretos, "o Concílio não deixou de insistir na necessidade e importância do estudo mariano, dando aos cristãos orientações oportunas e seguras."

O Concílio tem por objetivo esclarecer, com muito cuidado, o papel singular da Virgem e, da mesma forma, embora não tenha como pretensão lançar as bases definitivas de uma doutrina a respeito de Maria, deixar clara a relação que os fiéis devem manter com a mãe Maria.

O papel de Maria na "economia da Salvação" remonta às profecias que já se costuravam desde o Antigo Testamento, como em Gênesis (3,15), na vitória da mulher sobre a serpente e a Virgem que conceberá e dará a luz a Filho, conforme Is. (7,14) e Miq. (5, 2-3).

No entendimento expresso no documento *Lumen Gentium* Maria foi moldada pelo Espírito Santo e assim como uma mulher (Eva) contribuíra para a morte, outra mulher (Maria) traz para o mundo a própria Vida. Maria ao responder afirmativamente ao chamado de Deus ela não foi mero instrumento passivo, mas ela participa total com sua vida e justamente por esta decisão de trazer ao mundo o Salvador, mostra nitidamente a sua cooperação neste sentido que é baseada em sua fé e em seu amor.

Maria é parte fundamental do credo católico, por fazer parte de maneira monumental do projeto salvífico da redenção; por ter concebido livre do pecado; por ter ascendido aos céus em corpo e alma; por acreditar e dizer sim a Deus quando da vinda do Salvador e por ter permanecido em estado virginal após o nascimento de Jesus.

Este mistério divino de salvação se nos revela e perpetua na Igreja, que o Senhor constituiu como Seu corpo. Unidos a Cristo como cabeça e em comunhão com todos os Seus santos, os fiéis devem venerar também a memória "primeiramente da gloriosa sempre Virgem Maria, Mãe de Deus e de nosso Senhor Jesus Cristo (LG, 52).

A partir disto devemos considerar que Maria deve ser cultuada, não ocupando o lugar de Cristo, mas favorecendo a união dos fiéis com Ele e sendo a Boa Mãe da Igreja e de todos os cristãos. Ao tratar da relação entre Maria e a Igreja no âmbito da obra redentora, o texto de *Lumen Gentium* declara:

Um só é o nosso mediador segundo as palavras do Apóstolo: "Porque um só é Deus, também há um só Mediador entre Deus e os homens, o homem Cristo Jesus, que se entregou para redenção de todos" (1Tm 2, 5-6). Todavia a materna missão de Maria a favor dos homens de modo algum obscurece nem diminui esta mediação única de Cristo, mas até ostenta sua potência, pois todo o salutar influxo da Bem-aventurada Virgem a favor dos homens não se origina de alguma necessidade interna, mas do

divino beneplácito. Flui dos superabundantes méritos de Cristo, repousa na Sua mediação, dela depende inteiramente e dela aufere toda a força. De modo algum impede, mas até favorece a união imediata dos fiéis com Cristo (LG, 60).

Na procura de um desenvolvimento teológico de um paralelo entre Maria e Igreja, o Concílio apresenta Maria como exemplo para a Igreja. Maria foi mãe pelo assentimento à palavra de Deus, a Igreja é mãe quando gera novos filhos para a vida nova do Espírito Santo pela pregação da palavra e pela água do batismo.

Além da maternidade, a Igreja também se inspira em Maria quanto à virgindade, isto é, guarda a palavra que lhe foi entregue pelo seu Esposo de forma íntegra e pura. Essa interpretação pode ser vista na obra de Clodovis Boff, que entende a virgindade da Igreja no documento como se referindo à “*virginitas fidei*”. Esta ‘virgindade da fé’ consiste em guardar uma fé íntegra, pura, isenta de todo erro e livre de heresias que a possam macular. Acerca do argumento tipológico em si mesmo considerado, Clodovis faz sua a compreensão de Hugo Rahner que sentenciava “Maria é a ‘Igreja concentrada’ e a Igreja é ‘Maria extensa. (LG, 65).²⁶

Encerrando o capítulo VIII da *Lumen Gentium*, encontramos o chamado dos padres conciliares a todos os fiéis para que olhem a Maria como “sinal da esperança segura e do conforto ao peregrinante povo de Deus”, pois a glorificação de Maria em “corpo e alma” torna-a “imagem e começo da Igreja”. “A santa Igreja a contempla com alegria como uma puríssima imagem daquilo que ela mesma anseia e espera ser”.²⁷

Clodovis Boff faz uma observação que o privilégio da Assunção da Mãe de Jesus só é singular quanto ao modo (corpo e alma) e às circunstâncias (imediatamente após o fim de seus dias), porém não é privilégio quanto à sua essência, pois todos os fiéis também podem participar desta mesma esperança.²⁸

Podemos ver assim que a mariologia conciliar não busca uma doutrina completa sobre Maria, mas pretende apresentar uma visão profunda da inigualável relação de Maria no mistério de Cristo e da Igreja.

2.3 A COOPERAÇÃO DE MARIA NA REDENÇÃO NA EXORTAÇÃO APOSTÓLICA *MARIALIS CULTUS*

²⁶ Cf. BOFF, Clodovis. Introdução à Mariologia, p. 112-113.

²⁷ CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. *Constituição Conciliar Sacrossanctum Concilium*. Disponível em: http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19631204_sacrossanctum-concilium_po.html. Acesso em 18 nov 2020. 103

²⁸ Cf. BOFF, 2009, p. 118.

Após dez anos da promulgação da *Gaudium et Spes*, Paulo VI promulgou, em 2 de fevereiro de 1974, a Exortação Apostólica *Mariialis Cultus* (MC), para desenvolver uma mariologia contemporânea. O objetivo principal era dar orientações que retificassem o desenvolvimento do culto à Bem-aventurada Virgem Maria. A orientação principal do documento pode ser resumida no pensamento de que a devoção mariana se origina e assume eficácia a partir de Cristo.

O Concílio Vaticano II já denunciou, autorizadamente, tanto o exagero de conteúdos ou de formas, que vai até o ponto de falsear a doutrina, como a mesquinhez de mente que chega a obscurecer a figura e a missão de Maria; de igual modo alguns desvios culturais: a vã credulidade, que a uma aplicação séria substitui o dar-se facilmente a práticas apenas exteriores; o estéril e passageiro impulso do sentimento, tão alheio ao estilo evangélico, que exige esforço perseverante e efetivo. Nós reiteramos a deploração destas coisas: não são formas em harmonia com a fé católica e, por conseguinte, não devem subsistir no culto católico (MC, 38).

Na Exortação, Maria é apresentada como a “Virgem que sabe ouvir, que acolhe a Palavra de Deus com fé; fé que foi para ela prelúdio e caminho para a maternidade divina. Assim nos recorda o Papa Paulo VI na exortação apostólica *Mariialis Cultus* número 16, que Maria é modelo e ela deve ser reconhecida como modelo excelentíssimo da Igreja, na ordem da fé, da caridade e da perfeita união com Cristo para toda Igreja, pois ela nos apresenta algumas atitudes/virtudes que todos os cristãos de hoje são convidados a imitá-la para seguir com afinco os passos de seu amado Filho. Nas páginas subsequentes iremos discorrer sobre a exemplaridade espiritual.

Lina Boff afirma que:

Maria sabe ouvir porque sabe silenciar e perscrutar a Palavra de Deus que cai mansamente em seu coração, em sua mente e em sua vida como um todo. Ela é modelo para toda a Igreja nessa escuta, sobretudo na liturgia onde a Palavra se faz comida e bebida para todos os fiéis que participam da celebração eucarística, ponto culminante de toda a liturgia eclesial. Assim alimentada a Igreja-Povo perscruta os sinais dos tempos, interpreta e vive os acontecimentos da história que interpela a todos.²⁹

Maria é a “Virgem dada à oração” conforme se pode perceber no Magnificat que é ao mesmo tempo o cântico da Mãe de Deus e o da Igreja, cântico da Filha de Sião e do novo Povo de Deus, cântico de ação de graças pela plenitude de graças distribuídas na Economia da salvação, cântico dos pobres, cuja esperança é satisfeita pela realização das promessas feitas a nossos pais em favor de Abraão e de sua descendência para sempre. (CEC, n. 2619)

²⁹BOFF, Lina. Mariologia, *Interpretações para a vida e para a fé*. Petrópolis: Vozes, 2019, p. 116-117.

Santo Irineu via no cântico de Maria uma antecipação profética da voz da Igreja. Acerca disso, dizia o bispo de Lion: “exultante, Maria clamava, em lugar da Igreja, profetizando: “a minha alma glorifica o senhor...” (Lc, 1, 46-55). Percebe-se que as palavras de Maria prolongaram-se na oração de toda Igreja em todos os tempos. Dessa forma, seguindo o exemplo de Maria, a Igreja apresenta ao Pai as necessidades dos seus filhos, intercede pela salvação de todo o mundo e louva ao Senhor sem cessar (MC, 18).

Ao comentar o Magnificat, Lina Boff afirma que:

O Magnificat que traz uma vida nova passa pela mística evangélica. Por isso a palavra *mystikós* significa aquilo que é referente à celebração dos mistérios cristãos a partir da vida concreta. É este processo que faz a História da Salvação ser o que é. Para o nosso povo, não existe um vida e nem uma mística desvinculadas da realidade cotidiana vivida em todas as suas dimensões. Os nossos povos não explicam o que seja a mística evangélica; eles testemunham com a sua vida, com o seu compromisso pelo Reino e a expressam com as suas celebrações cheias de festa e de alegria. Tais gestos revelam a atuação salvífica de Cristo, gestos que culminam na realização plena do mistério profundo de Deus, que é o mistério da paixão-morte-ressurreição de Jesus. Os nossos povos guardam na sua intimidade uma realidade profundamente mística que pertence ao sagrado e é alimentada, sobretudo, na leitura da Palavra de Deus e na sua interpretação brotada na vida concreta. Daí o significado de mística evangélica.³⁰

A Exortação Apostólica resgata ainda algumas afirmações conciliares e reapresenta uma comparação tipológica da maternidade prodigiosa de Maria e da Igreja quando considera a seguinte analogia: tal como a “Virgem-Mãe.

São Leão Magno, em uma homilia natalícia, ensina que Maria tornou-se Mãe do Filho de Deus pela obra do mesmo Espírito, que regenera os filhos da Igreja na pia batismal.

A origem que [Cristo] assumiu no seio da Virgem [Maria], coloca-a na fonte do batismo: Ele conferiu à água aquilo que deu à Mãe; com efeito, a virtude do Altíssimo e a sombra do Espírito Santo (Lc 1,35), que fizeram com que Maria desse à luz o Salvador, são o mesmo que faz com que a ablução regenere aquele que crê (MC, 19).

Maria é também chamada de “Virgem oferente”, pois oferece a Deus para a salvação do mundo tanto a sua própria vida quanto a vida do seu filho Jesus. Ao vermos no episódio da apresentação do menino Jesus no Templo (Lc 2,22- 35), a Igreja entende que, para além dos preceitos judaicos da oblação do primogênito e da purificação da mãe, existe a revelação do mistério da salvação. A entrada de Jesus no Templo também indica a entrada do Verbo no mundo, a proclamação de Simeão é o reconhecimento da chegada do Messias; e, por fim, o reconhecimento de que Ele é a ‘luz que brilhou para as nações’ (Lc 2,32) anuncia um salvador que veio para o gênero humano. Vê-se, nesta perícopes, a profecia sobre a dor da mãe como um prenúncio do acontecimento salvífico da cruz (MC, 20).

³⁰BOFF, Lina. Mariologia, *Interpretações para a vida e para a fé*. Petrópolis: Vozes, 2019, p. 68-69.

Maria foi aquela que realizou o culto de tornar a própria vida uma oferenda agradável a Deus. O “sim” de Maria e toda sua vida é lição e exemplo para todos os cristãos e é o que veremos no capítulo três. A Igreja encontra na vida da Mãe de Deus um modelo para sua caminhada terrena.

3. MARIA MODELO DE COLABORAÇÃO COM A OBRA DE JESUS CRISTO

Toda a vida de Maria é relacionada com a vida de Jesus Cristo, o Salvador do gênero humano. Ela é a “obra-prima da missão do Filho e do Espírito na plenitude do tempo. Pela primeira vez no plano de salvação e porque o seu Espírito a preparou, o Pai encontra a morada em que seu Filho e seu Espírito podem morar entre os homens.” (CEC , n. 721)

Maria é a mulher prometida, pela qual nos veio o Reconciliador, Jesus, nosso Senhor. Maria criada para ser a Mãe do Criador, foi adornada com muitos dons particulares que a capacitava para tal missão. Podemos citar entre tantos que sua natureza seja preservada do pecado original, que ela seja Imaculada. Assim, Maria foi cooperadora com os dons que Deus colocou nela. Chegada a plenitude dos tempos, Maria pôde responder 'Sim' generosamente ao Anjo do Senhor e receber no seu ventre o Filho de Deus e nela brilha o modelo de colaboração com a obra de seu Filho Jesus cristo.

Quando lemos o relato da perda de Jesus no templo (Lc 2,41ss), Jesus é encontrado somente depois de três dias o que pode ser uma referência ao Mistério Pascal. Frei Raniero Cantalamessa, no livro: “Maria Um Espelho para a Igreja”, diz que “De qualquer maneira, com toda certeza foi o início do Mistério Pascal de despojamento para a Mãe.” Quando Jesus diz: “Por que me procuráveis? Não sabeis que devo estar na casa de meu Pai? (Lc2,49), qual coração de Mãe estaria preparado para ouvir essas palavras do filho? O interior de Maria, o seu coração é pleno da Palavra de seu Filho, que ela guardava e sobre a qual meditava até a maturação. É certo que essa atitude de Maria é sem dúvida também uma colaboração na obra de seu Filho.

O papa Bento XVI no livro “A Infância de Jesus”, comenta:

A palavra de Jesus é grande demais por então; a própria fé de Maria é uma fé “a caminho”, uma fé que repetidas vezes se encontra na escuridão e, atravessando a escuridão, deve amadurecer. Maria não compreende as palavras de Jesus, mas guarda-as no seu coração e aqui lentamente faz com que cheguem a maturação.³¹

No Evangelho das Bodas de Caná, nos revela a missão, a participação da Virgem Santa Maria no projeto salvífico de Deus. “Fazei tudo o que Ele vos disser!” (Jo 2,5). Agindo assim, Nossa Senhora demonstrou que conhece, melhor do que ninguém, as profundas intenções do coração de Jesus. A fartura das Bodas de Caná é, pois, um sinal de que começou a festa de Deus com a humanidade, a Sua auto oblação pelos homens”.³²

³¹ RATZINGER, J. *A infância de Jesus*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2012, p.104

³²BENTO XVI, *Jesus de Nazaré: do Batismo no Jordão à Transfiguração*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2007. p. 129.

Maria nas Bodas de Caná não é só mediadora, mas também a Evangelizadora, Aquela que anuncia Jesus, com o desejo de mostrar a todos que Ele é o Salvador, ““Fazei tudo o que Ele vos disser” (Jo 2,5)

Assim, a Virgem Maria, a primeira cristã, a discípula missionária por excelência, aproxima-nos sempre mais de Cristo. Todos os acontecimentos vistos nas Bodas de Caná da Galileia nos revelam uma singular sintonia entre Maria e o Cristo e nos convida a caminhar com Maria para chegarmos a Jesus. Olhando para as atitudes e toda vida de Maria, somos convidados a colocar nosso serviço à disposição de Deus e da Igreja, reafirmando o nosso empenho na edificação do Reino dos céus por meio do exercício constante da oração.

O Papa Francisco em sua catequese semanal do dia 23 de outubro de 2013, diz: “Maria nos ensina a estar sempre unidos a Jesus! Toda a sua ação era realizada sempre em união perfeita com Jesus e com a vontade do Pai”.³³

Maria sempre viveu em união com seu Divino Filho, acompanhava-o, amando sempre aqueles que Ele amava. Durante a via cruz seguiu cada passo. Maria é, portanto, a discípula fiel que não deixa o Senhor sozinho, a Mãe de Jesus está lá, marcada pela dor e pelo sofrimento, mas permanece em pé, firme e disposta a seguir seu Filho para o extremo da cruz.

Depois de ter relatado a presença de Maria e das outras mulheres junto da Cruz do Senhor, São João refere: “Ao ver Sua Mãe e junto d’Ela o discípulo que Ele amava, Jesus disse à Sua mãe:” ‘Mulher, eis aí o teu filho’. Depois disse ao discípulo: “Eis aí a tua Mãe” (Jo.19, 26-27). Assim, ao fim da Sua vida terrena, à Mãe e ao discípulo que Ele amava, Jesus crucificado estabelece novas relações de amor entre Maria e os cristãos, Maria ama todos e tem a missão de ser reflexo do amor de seu Filho.

Nessa passagem, Jesus dirige-se primeiro à sua Mãe, para que ela cuide do discípulo dileto, uma missão especialmente encomendada a Maria, missão que tem uma estreita relação com a obra redentora. Essa maternidade espiritual de Maria é a imagem da maternidade da Igreja. Maria é a grande missionária, continuadora da missão de seu Filho e formadora de missionários (DAP, 269).

O termo “mulher”, acima descrito que é usado por Jesus também nas bodas de Caná, para conduzir Maria a uma nova dimensão do seu ser Mãe, mostra que as palavras do Salvador não são só frutos de um sentimento de afeto filial, mas têm em vista pôr-se num plano mais elevado. Nas Catequeses do Papa João Paulo II sobre Nossa Senhora, ele fala de Maria que é

³³FRANCISCO. *Catequese – 23 de outubro de 2013*. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2013/documents/papa-francesco_20131023_udienza-generale.html. Acesso em 18 nov 2020.

cooperadora para o evento salvífico da Redenção. Assim, na Virgem, a figura da “mulher” é destacada e a maternidade assume a tarefa de difundir entre os homens a vida nova em Cristo. “Historicamente, Maria evangelizou anunciando com sua vida. Proclamando com sua palavra e celebrando junto com seu povo. Temos assim a nova criação e nela inserida a nossa Santa Mãe Maria”.³⁴

Maria proclamou, "na experiência da ressurreição de seu Filho, a bem-aventurança culminante dos cristãos que se converterem depois de Pentecostes: 'Felizes os que creram sem ter visto' (Jo 20,29)". Permaneceu fiel "junto da comunidade apostólica, animando sua oração e sua unidade e implorando com ela a vinda do Espírito Santo" (At 1,14).

3.1. A EXEMPLARIDADE DE MARIA PARA A IGREJA

A Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, mostra a descrição do papel assumido por Maria em relação à Igreja que é inseparável da sua união com Cristo e decorre dela diretamente. Em face dessa centralidade, as reflexões da Igreja atestam que;

O papel de Maria em relação aos homens de modo algum ofusca ou diminui esta única mediação de Cristo; manifesta ainda sua eficácia. Evidencia que: “todo o influxo Salvadora Virgem Santíssima sobre os homens se deve ao beneplácito divino e não a qualquer necessidade; deriva da abundância dos méritos de Cristo”, complementa ainda que “funda-se na Sua mediação e Dela depende inteiramente, haurindo aí toda a sua eficácia; de modo nenhum impede a união imediata dos fieis com Cristo, antes a favorece”³⁵

Maria com sua vida e missão, deixa para a Igreja grandes exemplos; podemos citar a fé de Maria que também é ligada uma ação que é sublime e exemplar para toda Igreja. Santo Tomás de Aquino diz que na Virgem Maria encontra-se todas as virtudes: “A bem-aventurada Virgem é exemplo de todas as virtudes”.

Como modelo de virtudes e imagem para a Igreja podemos ver que: “Em Maria a Igreja admira e exalta o fruto mais excelso da Redenção, e a contempla com alegria como imagem puríssima do que toda ela deseja e espera ser.” (SC, 103).

³⁴BOFF, Lina. Mariologia: Interpretações para a vida e para a fé. Petrópolis: Vozes, p.170.

³⁵ JOÃO PAULO II. *Audiência Geral de 1 de outubro de 1997*. Disponível em: http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/audiences/1997/documents/hf_jp-ii_aud_01101997.html. Acesso em 02 dez 2020.

Ela realiza de maneira mais perfeita a obediência da fé. “Na fé, Maria acolheu o anúncio e a promessa trazida pelo anjo Gabriel, acreditando que ‘nada é impossível a Deus’” (Lc 1,37) e dando seu “sim”: “Eu sou a serva do Senhor; faça-se em mim segundo a tua palavra” (Lc 1,38). Na saudação de sua prima Isabel também vemos a marca da fé de Maria : ‘Bem-aventurada a que acreditou, pois o que lhe foi dito da parte do Senhor será cumprido’ (Lc 1,45).

O Papa Paulo VI proclamou Maria como “Mãe da Igreja”. Maria se tornou a Mãe de Deus, Mãe de Cristo, quando o Espírito Santo a cobriu com sua sombra. É a mãe da Igreja, porque é Mãe de Cristo, que é a cabeça do corpo místico da Igreja (“Cristo é a cabeça da Igreja, e nós somos seu corpo”. (Cl 1,18). Maria também ocupa o seu lugar no mistério da Igreja. Sendo Mãe de Jesus, ela também é Mãe dos membros de Cristo. Pois pelo batismo os cristãos são membros do Corpo de Cristo, que é a Igreja. Nesse sentido, Maria é Mãe de toda a Igreja. Ao gerar Jesus, ela se fez Mãe do Cristo todo, ou seja, de Jesus e de sua Igreja. (CEC n. 963)

Clodovis Boff relata o lugar de Maria à luz da Patrística “O lugar de Maria na Igreja é “eminente e singular”, justamente por ser Ela ‘modelo’ exímio para toda igreja.”³⁶ Papa Paulo VI também coloca Maria como presença relevante no mistério e Cristo e da Igreja, indicando que a devoção a Ela contribui para consolidar a fé em Jesus Cristo.

Assim, quando a Igreja olha para Maria, descobre que antes de tudo, deve ser mãe. Maria nos conduz a Cristo, mas também ao outro. O Papa Francisco disse em suas Meditações Matutinas na Santa Missa celebrada em 21 de maio de 2018 na Capela da Casa Marta: “deixemos que o Espírito Santo nos fecunde, a nós e à Igreja, a fim de que nos tornemos também mães dos outros, com atitudes de ternura, de mansidão, de humildade.”³⁷ O Papa já disse muito sobre este tema em suas catequeses, afirmando que a "Igreja é mãe e o seu modelo é a Virgem Maria".

Da mesma forma que Maria se encheu de zelo pelo serviço ao próximo, a Igreja olhando para o exemplo de Maria deve ser servidora; O serviço evangelizador e doméstico de Maria é modelo para nós. Aprendamos de Maria a sempre servir com alegria. Nesse sentido, o Papa Francisco propõe uma Igreja de saída. Ele chama todos os batizados a uma conversão missionária. O mandato missionário recebido de Jesus Cristo (Mt 28,19-20) pede uma Igreja em saída para testemunhar a alegria do Evangelho, da vida em Jesus Cristo. “A alegria do

³⁶ BOFF, Clodovis. Introdução à Mariologia. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009, p. 111.

³⁷ FRANCISCO. *Homilia de 21 de maio de 2018*. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/cotidie/2018/documents/papa-francesco-cotidie_20180521_igreja-mulher-mae.html. Acesso em 18 nov 2020.

Evangelho, que enche a vida da comunidade dos discípulos, é uma alegria missionária...”(LG, 21).

O Concílio Vaticano II coloca Maria, virgem e mãe, como modelo da Igreja por causa do dom e cargo da maternidade divina que a une com seu filho redentor e pelas suas graças e prerrogativas singulares (LG, 63).

Na Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, discorre sobre a importância da Virgem Maria para toda a Igreja, que é a grande vocacionada ao seguimento de Jesus. Maria é o grande modelo para toda a comunidade de fé, pois ela “entrou intimamente na história da salvação, de certo modo reúne em si e reflete as maiores exigências da fé; quando é exaltada e honrada, ela atrai os fiéis para seu Filho, para o sacrifício Dele e para o amor do Pai” (LG, 65).

Nas Bodas de Caná, texto bíblico que já citamos neste trabalho, faz para todos o convite a caminhar com Maria para chegarmos a Jesus. Juntos da Virgem Santa Maria, nós colocamos o nosso serviço à disposição de Deus e da Igreja, reafirmando o nosso empenho na edificação do Reino dos céus por meio do exercício da oração,

Santo Efrém nos deixa uma bela oração, que foi recitada pelo então Papa João Paulo II na Audiência Geral do dia 10 de dezembro de 2003:

Jesus, Tu foste enviado a uma festa de núpcias de outrem, dos esposos de Caná; aqui, ao contrário, é a Tua festa, pura e bela: alegre os nossos dias, porque também os Teus hóspedes, Senhor, precisam dos Teus cânticos: deixa que a Tua harpa preencha tudo! A alma é a Tua esposa, o corpo é o Teu quarto nupcial, os Teus convidados são os sentidos e os pensamentos. E se um só corpo é para Ti uma festa de núpcias, toda a Igreja constitui o Teu banquete nupcial!³⁸

Maria é mãe da Igreja, e de toda humanidade, exercitando a sua maternidade com o seu exemplo; como Maria, a Igreja também deve ser em sua essência mãe dos crentes; como Maria a Igreja vive a sua virgindade, conservando “íntegra e pura na fé dada ao Esposo e, à imitação da mãe do seu Senhor, com a virtude do Espírito Santo, conserva virginalmente íntegra a fé, sólida a esperança, sincera a caridade” (LG, 64). Lina Boff, escreve que: “A Igreja, também como Maria, concebe filhos ‘por obra do Espírito Santo’”, o grande ativador da Palavra e dos Sacramentos”.³⁹

³⁸ JOÃO PAULO II. *Audiência Geral – 10 de dezembro de 2003*. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/audiences/2003/documents/hf_jp-ii_aud_20031210.pdf. Acesso em 18 nov 2020.

³⁹ BOFF, 2019, p. 170.

O capítulo VIII do documento *Lumen Gentium* diz que “Maria faz parte de maneira monumental do projeto salvífico da redenção; por ter concebido livre do pecado; por ter ascendido aos céus em corpo e alma; por ter sido a primeira a acreditar e dizer sim a Deus quando da vinda do Salvador e por ter permanecido em estado virginal após o nascimento de Jesus. A partir disto devemos considerar que Maria deve ser cultuada, não ocupando o lugar de Cristo, mas favorecendo a união dos fiéis com Ele e sendo a Boa Mãe da Igreja e de todos os cristãos (LG, 38).

Olhando em relatos bíblicos, podemos ler no Evangelho segundo São Lucas que “Maria guardava todas as coisas que aconteciam em seu coração” (Lc 2,19). A Igreja deve carregar consigo as Escrituras que revelam o Cristo. Assim, a Igreja adquire intimidade com o Cristo. Cada cristão, membro do corpo de Cristo, deve ter intimidade com as Sagradas Escrituras a fim de ter intimidade com Cristo.

Maria era uma mulher de esperança. Acreditava que no fim, a justiça seria estabelecida e Deus reinaria. Conforme expressa no canto do Magnificat (Lc 1, 46-55). A Igreja deve sempre anunciar a esperança. Esta esperança se reforça na assunção de Maria aos céus que a torna modelo e sinal da plena realização da Igreja que caminha nas estradas de Jesus, rumo ao céu. Maria representa a Igreja “esplêndida, sem mancha nem rugas, nem qualquer defeito, mas Santa e irrepreensível” (Ef 5,27). Assim, em Maria a Igreja “atingiu a perfeição”, a Santidade.

A Virgem Santíssima, predestinada para Mãe de Deus desde toda a eternidade simultaneamente com a encarnação do Verbo, por disposição da divina Providência foi na terra a nobre Mãe do divino Redentor, a Sua mais generosa cooperadora e a escrava humilde do Senhor. Concebendo, gerando e alimentando a Cristo, apresentando-O ao Pai no templo, padecendo com Ele quando agonizava na cruz, cooperou de modo singular, com a sua fé, esperança e ardente caridade, na obra do Salvador, para restaurar nas almas a vida sobrenatural. É por esta razão nossa mãe na ordem da graça (LG, 61).

Maria já era toda cheia do Espírito Santo, era repleta do Espírito Santo, Templo da Santíssima Trindade, e estava presente em Pentecostes pois, foi onde confirmou a Igreja, e Maria, como esposa do Espírito Santo configura-se como Mãe do Corpo Místico de Cristo, tornando-a indissolivelmente unida ao mistério de Cristo pela Encarnação e à Igreja. Não existe Igreja sem Maria e Maria sem a Igreja.

Maria é a Mãe dos apóstolos, ela foi quem confirmou a fé dos discípulos no momento que estes mais precisavam, pois eles estavam desolados, tristes, desanimados, sem compreender a situação e o que aconteceria com eles. Ela permaneceu com eles em Jerusalém, pois esta foi a ordem de Jesus aos discípulos. Estavam unidos em oração até que fossem revestidos da força do alto (Lc 24, 49).

Nesse contexto, é fácil perceber que é a presença materna de Maria que auxilia os discípulos a perseverarem na fé e na espera do Espírito Santo Consolador. Por isso, permaneciam unidos em oração, suplicando a DEUS a vinda do Paráclito, do Fogo abrasador. Dessa forma, Maria molda maternalmente os apóstolos em irmãos, preparando-os para acolher o Espírito Santo.

Com a descida do Espírito Santo no cenáculo, os apóstolos animados pela Virgem Santíssima, venceram seus temores e, destemidos, proclamavam o Evangelho. Ali era confirmada a comunidade cristã, a Igreja de nosso Senhor Jesus Cristo.

A Virgem Maria esteve presente em três eventos significativos da história da salvação: na Encarnação do Verbo, no Mistério Pascal de Cristo e no Pentecostes. Ela, que é a mulher cheia de graça (Lc 1, 28).

3.2. MARIA NOS ENSINA A SERVIR

O que é servir? Jesus mesmo é quem explica: servir é dar a vida pelos outros, é entregar-se aos demais. Servir é dar-se de si mesmo, entregando ao outro a nossa vida, nosso tempo e amor. “Cada um exerça o dom que recebeu para servir os outros, administrando fielmente a graça de Deus em suas múltiplas formas” (1Pd 4,10).

Deus, na anunciação do anjo, convidou Maria a assumir a missão de mãe e educadora do Cristo. Depois de perguntar, questionar e buscar saber como isso aconteceria, Maria respondeu com toda a inteireza: “Eis aqui a serva do Senhor” (Lc 1,38). Após receber o anúncio do anjo Gabriel de que ela seria a mãe do Salvador, Maria não acomodada não se fecha no seu mundo e nem se torna limitada pela gravidez, mas ela “partiu apressadamente para a região montanhosa, dirigindo-se a uma cidade de Judá. Entrou em casa de Zacarias e saudou Isabel” (Lc 1,39-40). O Papa Francisco definiu Maria como “a mulher orante e trabalhadora em Nazaré, mas é também nossa Senhora da prontidão, a que sai “às pressas”.⁴⁰ Podemos dizer que a grande lição de Maria: Colocar-se a serviço.

As palavras de Maria “Eis aqui a serva do Senhor” são, portanto, a nossa resposta de amor ao amor de Deus. Elas nos mantêm sempre orientados a Ele, numa posição de escuta, de

⁴⁰ FRANCISCO. Catequese – 23 de outubro de 2013. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2013/documents/papa-francesco_20131023_udienza-generale.html. Acesso em 18 nov 2020.

obediência, com o único desejo de cumprirmos a Sua vontade para sermos tais como Ele nos quer.

A resposta que damos a Deus compromete-nos com o plano que Ele estabelece. Ao professarmos a fé saímos de nós mesmo para doar tudo aquilo que conseguimos alimentar e viver da graça de Deus. Assim fez a Virgem Maria, partindo para um verdadeiro estágio de serviço e presença junto de sua prima Isabel. A fé deve nos abrir, fazer a cada um se colocar a caminho, libertar-se de interesses egoístas, para enxergar o mundo por meio de outros apelos. E, na casa de Isabel, Maria ouve a proclamação de sua felicidade.

Primeiro, o Anjo que lhe anunciava o plano de Deus, agora é a voz profética de uma pessoa humana, Isabel, como acontece também em nossa vida. Ao sermos preenchidos pela fé abrimos aos muitos apelos feitos por Deus por meio das pessoas dos nossos irmãos e irmãs. O belíssimo diálogo entre as duas mães brota a certeza do amor que, hoje, devotamos à Virgem Maria.

“A minha alma engrandece o Senhor e meu Espírito se alegra em Deus meu Salvador, porque Ele olhou para a humildade de Sua serva. Todas as gerações, de agora em diante, me chamarão feliz, porque o Poderoso fez para mim coisas grandiosas” (Lc 1,46-49). “Maria canta um Deus atuante, atento à história, que guia os passos do seu povo, um Deus do lado dos fracos, o Deus da Justiça.”⁴¹

Maria é aquela que nos educa, como podemos ver em algumas citações do Documento de Aparecida: Em seu rosto “encontramos a ternura e o amor de Deus” (DAp, 265). “Ela é ‘a presença materna indispensável e decidida na gestação de um povo de filhos e irmãos, de discípulos e missionários de seu Filho’ (DAp, 524). Maria “cria comunhão e educa para um estilo de vida compartilhada e solidária, em fraternidade, na atenção e acolhida do outro, especialmente se é pobre e necessitado” (DAp, 272).

No Canto do Magnificat, Maria é aquela que recebeu graças, rende graça como resposta de amor, “O amor responde o amor”. Assim é a vida cristã, é um constante movimento de ir e vir, como discípulos e missionários de Jesus e de seu Reino. E Maria está conosco sempre, como servidora, mãe, exemplo e companheira do caminho.

Assim, em Maria, encontramos a máxima realização da existência cristã. Por sua fé e obediência à vontade de Deus e por sua constante meditação e prática da Palavra, ela é a discípula mais perfeita do Senhor (DAp, 76).

⁴¹ BIGOTTO, G. M. Esplendor de Mãe. São Paulo: Paulinas, 2011, p. 266.

3.3. MARIA E A COLABORAÇÃO NA CONSTRUÇÃO DO REINO

Reino de Deus se desdobra em um reinado de vida e vida em abundância, ‘Eu vim para que tenham vida, e vida em abundância’ (Jo 10,10) precisa ser acolhido em um coração humilde, que aceite ouvir a voz do Senhor. As exigências do Reino e a sua grandeza precisam ser ouvidas, meditadas e guardadas no coração (Lc 3, 51), Maria é para nós o grande modelo de acolhimento do Reino, na Anunciação, toda cheia do Espírito Santo, e o próprio Verbo de Deus, que é o Reino de Deus em pessoa (Lc 1, 26-38). Maria é anunciadora do Reino e dos seus sinais.

No sentido do Reino podemos perceber em Maria seu amor pelos pobres, pela justiça de Deus, pois a luta dos pobres por libertação abre um horizonte mais amplo em que Maria faz parte.

Depôs poderosos de seus tronos, e a humildes exaltou. Cumulou de bens os famintos e despediu os ricos de mãos vazias. Socorreu a Israel, seu servo, lembrado de sua misericórdia. Conforme prometera a nossos pais, em favor de Abraão e de sua posteridade, para sempre" (Lc 1,52).

Ela proclama a vinda do Reino de Deus, pois percebe que Deus está transformando as relações sociais (Lc 1,51-53). Maria, mulher de seu povo, uma israelita que recorda a ação de Deus a partir de Abraão. Recorda que através da história Deus é fiel e seu amor é para todos e para sempre (Lc 1,54-55). “O Magnificat é o ‘programa do Reino de Deus’”.⁴²

Nossa Senhora nos confirma em nossa fé, ainda que ela seja pequena como um grão de mostarda (Mt 13, 31-32). O seu ventre foi o solo fértil, no qual o Reino de Deus foi plantado no meio de nós. Ela não somente acolheu, mas cooperou para que o Reino de Deus, que é Jesus, fosse formado nela. Enquanto Mãe de Jesus, ela gerou o Reino durante os meses de sua gestação, mas também formou o próprio Autor da vida no seu dever de mãe e educadora.

Para acolher esse grande mistério, que é o Reino de Deus em nossa vida, precisamos olhar para aquela que mais cooperou para a sua realização. Precisamos imitar-lhe as virtudes, o seu silêncio, a sua humildade, a sua simplicidade. Mais do que isso, precisamos confiar-lhe nossas vidas, pois o próprio Autor da vida se confiou inteiramente a ela. Nela somos gerados para Deus, o Reino dos Céus é formado em nós, pois ela gera o próprio Cristo em nós.

⁴² GEBARA IVONE. *Maria mãe de Deus e mãe dos pobres*. Petrópolis: Vozes, 1988, p. 87.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante este trabalho foi possível ver nos textos bíblicos, na patrística e sintonizados com os documentos da Igreja que por pura gratuidade de Deus, Maria torna-se agraciada – *Kecharitoméne* –, que a faz merecedora de ser a mãe de Jesus, “o filho do Altíssimo”, a quem seria dado “o trono de Davi” (Lc 1,32). Por sua pequenez, foi engrandecida aos olhos de Deus “O Poderoso fez em mim maravilhas, Santo é o Seu nome” (Lc 1, 49). A dinâmica da fé da pequenina Maria permite passar do “serviço a Deus” ao “serviço ao próximo”.

Maria é singular como cooperadora da Redenção, assim, este termo aplicando a Ela assume um significado específico, onde, em união com Cristo e submetida a Ele, colaborou para obter a graça da salvação à humanidade inteira, como podemos ver nos documentos da Igreja que Maria foi uma pessoa consciente e responsável, que cooperou ativamente e livremente no projeto salvífico de Cristo.

Vimos que na Sagrada Escritura há certa carência de informações históricas acerca de Maria. Contudo, tentamos trazer à reflexão que o interesse mariológico é qualitativo e não quantitativo. Mesmo sendo poucas as referências bíblicas sobre Maria, elas possibilitam-nos compreender que Maria é consciente da missão do Filho, participa dela e compartilha, profundamente, os objetivos e os fins, vivendo fielmente segundo os seus preceitos.

Falar de Maria na Igreja é um tema complexo e delicado. Complexo porque por muito tempo, pelo simples fato da presença de duas linhas de reflexão, que são opostas, onde o maximalismo procura elevar muito Maria, por vezes o seu interesse excessivo colocou a Bem-aventurada num lugar central, ou seja, num lugar não pertencente a ela, por outro lado, o minimalismo rejeita senão totalmente, mas tira dela até mesmo as graças e dons que recebeu de Deus.

Assim na Constituição dogmática *Lumen Gentium*, o Concílio Vaticano II buscou evidenciar a participação de Maria na obra de redenção do Filho, da qual sempre partilhou os ideais e o amor.

Este trabalho, com o tema “Maria como Singular e Paradigmática Cooperadora da Redenção” mostrou que Jesus, mediante o seu sacrifício, é o único e universal mediador dessa salvação. Contudo, Maria, unida estreitamente a Cristo, por obra do Espírito Santo, contribui ao nosso nascimento espiritual com a sua oração e a sua virtude, por um especial desígnio divino, como nossa mãe na ordem da graça.

Desde o Concílio Vaticano II já se produziram muitos frutos. Maria é colocada na ordem da graça, é colocada na história da Salvação, assim como foi ela escolhida por Deus em ser a sua porta de entrada no seio da humanidade, pode também ser para todo cristão aquela que nos indica o caminho, que nos aponta para o Sumo Bem, donde emerge todas as graças e dons de Deus.

Compreender a atuação de Maria como Singular e Paradigmática Cooperadora da Redenção, é também mostrar a figura de Maria, que a faz ser um modelo a ser seguido pela Igreja e os cristãos, e o fato que “ela viveu completamente toda a peregrinação da fé como mãe de Cristo e depois dos discípulos, sem estar livre da incompreensão e da busca constante do projeto do Pai” (DAp, 266). Ela é “a discípula mais perfeita do Senhor” (LG, 53), “a máxima realização da existência cristã” (DAp, 266). A Igreja procede seguindo as pegadas do itinerário percorrido pela Virgem Maria, a qual “avançou na peregrinação da fé, mantendo fielmente a união com o seu Filho até à Cruz” (RM, 2), assim Maria acompanha o caminhar dos seus filhos na história e continua sempre a nos indicar o seguimento do seu Filho.

REFERÊNCIAS

- AGOSTINHO, Santo, Bispo de Hipona. **A virgindade consagrada**. São Paulo: Edições Paulinas, 1990. (Série espiritualidade)
- BENTO XVI. **Angelus – 08 de dezembro de 2011**. Disponível em: http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/angelus/2011/documents/hf_ben-xvi_ang_20111208.html. Acesso em: 18 nov 2020.
- BENTO XVI. **Jesus de Nazaré: do Batismo no Jordão à Transfiguração**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2007.
- BÍBLIA DE JERUSALÉM. Nova edição, revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2008.
- BIGOTTO, G. M. **Esplendor de Mãe**. São Paulo: Paulinas, 2011.
- BINGEMER, Maria Clara. **Maria, a mulher ícone do mistério: ensaio de Mariologia simbóliconarrativa**. Tradução de Benôni Lemos. São Paulo: Paulinas, 1991.
- BOFF, Clodovis. **Introdução à Mariologia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- BOFF, Lina. **Mariologia: Interpretações para a vida e para a fé**. Petrópolis: Vozes, 2019.
- BOFF, Lina. **Como tudo começou com Maria de Nazaré**. Rio de Janeiro/Aparecida: Editora Letra Capital e Academia Marial, 2016.
- CANTALAMESSA, R. **Maria, um espelho para a Igreja**. Petrópolis: Vozes, 1992.
- CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA (CEC). Petrópolis: Vozes, 1993.
- CATERINA, Mario Antonio. **Com Maria aos pés da cruz**. Disponível em: <https://comshalom.org/com-maria-aos-pes-da-cruz-2/> Acesso em 18 nov 2020.
- CNBB. **Com Maria, rumo ao Novo Milênio**. São Paulo: Paulinas, 1998.
- CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II, “**Lumem Gentium**”, Constituição Dogmática sobre a Igreja. 12ª ed. São Paulo: Paulinas, 1977.
- CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. **Constituição Conciliar Sacrosanctum Concilium**. Disponível em: http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19631204_sacrosanctum-concilium_po.html. Acesso em 18 nov 2020.
- CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. **Aparecida – Conclusões da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano**. São Paulo: Paulus, 2007.
- DE FIORES, Stefano; MEO, Salvatore (Org.). **Dicionário de Mariologia**. São Paulo: Paulus, 1995.

FRANCISCO. **Catequese – 23 de outubro de 2013.** Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiencias/2013/documents/papa-francesco_20131023_udienza-generale.html. Acesso em 18 nov 2020.

FRANCISCO. **Homilia de 21 de maio de 2018.** Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/cotidie/2018/documents/papa-francesco-cotidie_20180521_igreja-mulher-mae.html. Acesso em 18 nov 2020.

GEBARA Ivoni. **Maria mãe de Deus e mãe dos pobres.** Petrópolis: Vozes, 1988.

GONZÁLEZ, C.I. **Maria evangelizada e evangelizadora.** Tradução: José A. Ceschin. São Paulo: Edições Loyola, 1988.

IRINEU DE LIÃO. **Patrística – Contra as Heresias.** v.4. São Paulo: Paulus, 1995.

Jesús Polo, **Maria Sagrario viviente del Espíritu Santo.** Scripta Theologica, 1987.

JOÃO PAULO II. **Angelus – 12 de fevereiro de 1984.** Disponível em http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/angelus/1984/documents/hf_jp-ii_ang_19840212.html. Acesso em 18 nov 2020.

JOÃO PAULO II. **Audiência Geral de 1 de outubro de 1997.** Disponível em: http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/audiencias/1997/documents/hf_jp-ii_aud_01101997.html. Acesso em 02 dez 2020.

JOÃO PAULO II. **Audiência Geral de 10 de dezembro de 2003.** Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/audiencias/2003/documents/hf_jp-ii_aud_20031210.pdf. Acesso em 18 nov 2020.

JOÃO PAULO II. **Carta Encíclica Redemptoris Mater.** Disponível em: http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_25031987_redemptoris-mater.html. Acesso em: 18 nov 2020.

JOÃO PAULO II. **Catequese Teologia do Corpo.** Disponível em: <http://teologiadocorpo.com.br/019a-com-o-sacramento-do-corpo-o-homem-sente-se-sujeito-de-santidade-20021980/> Acesso em 18 nov 2020.

LAURENTIN, Rene. In: KOEHLER, Théodore; LARENTIN, Rene; MANTEAU-BOHAMY, Henry Marie. **Nossa Senhora na Lumen Gentium.** São Paulo: Paulinas, 1969.

PAULO VI. **Exortação Apostólica Marialis cultus.** Disponível em: http://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/apost_exhortations/documents/hf_p-vi_exh_19740202_marialis-cultus.html. Acesso em 18 nov 2020.

PIO XII. **Constituição Apostólica Munificentissimus Deus.** Disponível em: http://www.vatican.va/content/pius-xii/pt/apost_constitutions/documents/hf_p-xii_apc_19501101_munificentissimus-deus.html . Acesso em: 18 nov 2020.

RATZINGER, J. **A infância de Jesus.** São Paulo: Planeta do Brasil, 2012.

SCHILLEBEECKX, E. **Maria, Mãe da redenção.** Linhas mestras religiosas do mistério mariano. Petrópolis: Vozes, 1968.